

# BIRD fixa seu papel no Plano Brady

por Getulio Bittencourt  
de Nova York

O presidente do Banco Mundial (BIRD), Barber Conable, divulgou ontem os limites de participação dessa instituição no Plano Brady, o programa de redução da dívida e do serviço da dívida do Terceiro Mundo. Seu alcance é maior que o do Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgado na semana passada, mas ainda assim reconhecidamente restrito.

São dois os programas anunciamos pelo Banco. O primeiro estabelece o "set aside" (coloca de lado) até 25% dos empréstimos de ajuste para os países-membros, aqueles de desembolso rápido. Ou até 10% do programa total de empréstimos do Banco ao país. Nos dois casos, consideram-se os programas por um prazo de três anos, exatamente o período de ação do Plano Brady.

O segundo programa libera recursos adicionais de até 15% dos empréstimos totais previstos para um país no período de três anos. "Os diretores executivos concordaram em que os fundos 'postos de lado' serão usados para redução do principal, enquanto os fundos adicionais serão usados para apoio dos juros, em conexão com a redução da dívida ou do serviço da dívida", diz a nota oficial do BIRD, assinada pelos porta-vozes Frank Vogl e Bill Brannigan.

No caso específico do Brasil, que tem empréstimos pedidos ao Banco de US\$ 3,2 bilhões só no próximo ano, mas que espera realisticamente a liberação de cerca de US\$ 2 bilhões, isso representaria um volume total de empréstimos de cerca de US\$ 6 bilhões em três anos. O país poderia então tentar obter recursos de US\$ 600 milhões, 10% do total, para operações de redução da dívida.

A segunda alternativa seria contar apenas com os empréstimos de desembolso rápido. Se eles forem até metade do total, isso significaria um volume de US\$ 3 bilhões — e aplicando-se 25% sobre tal número o País poderia reivindicar US\$ 750 milhões. O Brasil pode esperar do primeiro programa do BIRD, portanto, algo entre US\$ 600 milhões e US\$ 750 milhões.

Os recursos adicionais para apoio de redução dos juros, de 15% sobre o total

## ACERTO EXTERNO

# BIRD fixa seu papel no Plano Brady

por Getulio Bittencourt

de Nova York

(Continuação da 1ª página)  
estimado de US\$ 6 bilhões em empréstimos por três anos, dariam mais US\$ 900 milhões. Ao todo, portanto, o Brasil poderá conseguir — se todas as precondições forem atendidas — entre US\$ 1,5 bilhão e US\$ 1,65 bilhão do BIRD.

É mais do que ele poderá conseguir no FMI, que estabeleceu sua participação no Plano Brady pela liberação de até 40% das cotas de um país. O Brasil tem 1,461 milhão de Direitos Especiais de Saque (DES), a moeda do fundo, composta por uma cesta de moedas fortes. Eles valem cerca de US\$ 1,8 bilhão e 40% disso são US\$ 720 milhões.

Juntando-se os dois totais, o Brasil poderia amealhar até US\$ 2,32 bilhões. O total de recursos disponíveis nas instituições financeiras internacionais soma, então, grosseiramente, 3% da dívida brasileira de US\$ 82 bilhões com os bancos comerciais. As duas instituições estão insistindo, porém, na necessidade de descontos substanciais dos bancos, para que cada dólar que coloquem nos programas renda o máximo possível.

Mesmo supondo a melhor hipótese, que os bancos concordem em fazer essas operações de redução pelo valor dos títulos no mercado secundário, isso multiplicaria cada dólar das instituições do Bretton Woods por um fator de três, dado que um título brasileiro vale hoje cerca de 32 centavos por dólar nominal. Isso habilitaria o Brasil a reduzir sua dívida com os bancos comerciais em 9% ao longo de três anos, na média de 3% ao ano. É pouco, notando-se que só as conversões de dívida por investimentos permitiram ao País reduzir em cerca de 7% sua dívida com os bancos comerciais no ano passado.

E pouco, mas é o que há, e Conable saudou a iniciativa como "uma nova fase na estratégia da dívida do Banco Mundial. Os desafios são grandes, mas nós agora temos o potencial para fazer uma contribuição direta que ajude os países altamente endividados a reduzir seus problemas de débitos e retornar ao caminho do crescimento econômico".

## Desconto para o México

Os bancos credores, respondendo aos apelos do México para uma substancial redução de sua dívida externa, ofereceram um desconto de 20%, ontem, no reinício das negociações, informaram fontes financeiras em Manhattan. O México, virtualmente inaugurando o Plano Brady, deseja desconto de 55%.

O negociador mexicano José Angel Gurria retornou a Nova York, procedente da França, onde reescalou débitos junto a governos credores reunidos no Clube de Paris.

De acordo com informantes, o México quer o desconto de 55% sobre débitos de US\$ 54 bilhões, com juros de 4% ao ano. O país tem uma dívida externa de mais de US\$ 100 bilhões, dos quais US\$ 70 bilhões junto aos bancos particulares. (UPI)

Segundo a mesma linha do duro pronunciamento do diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, divulgado anteontem em Paris, Conable foi, porém, muito mais discreto em seu aviso aos bancos: "Os diretores-executivos foram firmes em sua visão de que as operações do BIRD não podem resultar numa transferência significativa de dívida ou de risco para o setor público", afirmou.

Existe um senão particular. "Países que serão elegíveis para esse apoio do banco", explicaram Vogl e Brannigan no comunicado, "serão aqueles com pesadas dívidas externas que tenham adotado programas de ajustamento aceitáveis para o banco." Presentemente isso inclui o México, como afirmou a este jornal um diretor do BIRD, mas não o Brasil — que ainda precisa concluir seu acordo com o Fundo sobre política macroeconómica para habilitar-se.

O FMI vai revisar sua estratégia dentro de um ano, e o BIRD, dentro de seis meses. Ambos concederão sua ajuda na base do estudo caso a caso, o que significa que os valores mencionados são máximos — países que não tenham as chamadas "políticas econômicas fortes" podem receber menos que outros.